

MAPEAMENTO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NA REBIO MATO GRANDE POR MEIO DE DISCIPLINA DE PRÁTICA DE CAMPO

JULIANY DE ABREU CAVALCANTE¹; ANA CAROLINA SPRENGER VALUS², GABRIELLE REIS³, JULIA BRAGA⁴, TAMARA OLIVEIRA⁵ ; RAFAEL CORTELETTI⁶

¹Universidade Federal de Pelotas– cavjuliany@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – anasprenge499@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – bibilelis18@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – juulia_braga@outlook.com il.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – muitasoliveiras@gmail.com

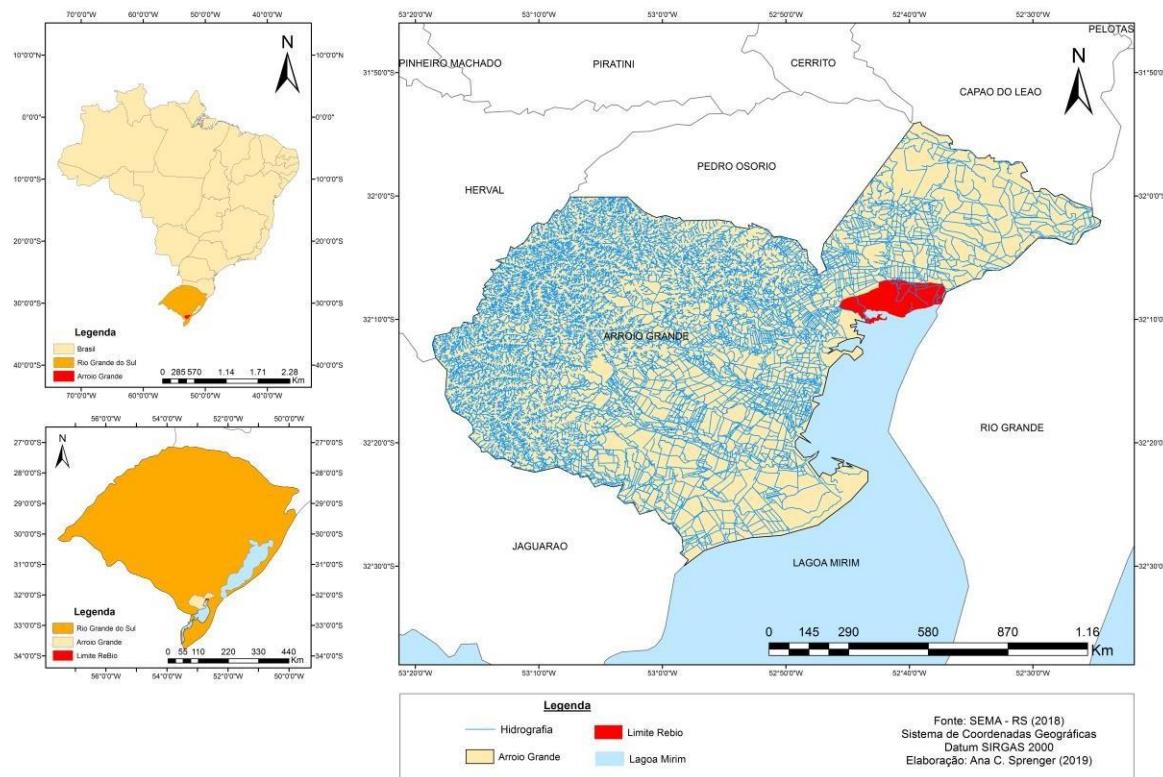
⁶Universidade Federal de Pelotas – rafael432010@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho diz respeito às aulas de Prática de Campo II, ministrada pelo Prof. Dr. Rafael Corteletti no curso de Antropologia da Universidade Federal de Pelotas, que se dá partir de idas semanais à Reserva Biológica do Mato Grande. A Reserva Biológica do Mato Grande, criada a partir do decreto Decreto nº23.798 de 12 de março de 1975 está localizada no município de Arroio Grande - RS, incluindo o Banhado Mato Grande, junto às margens da Lagoa Mirim e do Canal de São Gonçalo, estando sob responsabilidade do Governo Estadual do Rio Grande do Sul. Esta unidade de preservação ambiental se enquadra na categoria de Unidades de Proteção Integral, que se configuram por áreas protegidas a fim de comportarem apenas seu uso indireto através de atividades educacionais, científicas e recreativas, não sendo legalmente permitida a exploração direta dos recursos naturais. Em geral, a implantação destas áreas exige-se dominância pública, como no caso das Estações Ecológicas, Reservas Biológicas e Parques Nacionais (BROCHIER, 2004).

Figura 1. Mapa de Localização da Reserva Biológica Mato Grande

Mapa de Localização da Reserva Biológica Mato Grande
Arroio Grande - RS



A ReBio do Mato Grande possui uma área delimitada de 5.161 ha, sendo composta por áreas de banhados, campos arenosos e matas de restinga. Este ambiente abriga uma diversidade florística, destacando-se entre as várias espécies o gravatá (*Dyckia jonesiana*), efedra (*Ephedra tweediana*), cancorosa de-três-pontas (*Jodina rhombifolia*), coronilha-da-praia (*Sideroxylon obtusifolium*) e a *Thalia geniculata*, estando todas estas ameaçadas de extinção no estado, como nos informa o site da Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura do Rio Grande do Sul.

Quanto a arqueologia pós colonial, há sítios à margem da Lagoa Mirim, próxima a desembocadura do Canal de São Gonçalo, que dá acesso ao interior e as vilas próximas, como Santa Isabel do Sul que teve seu povoamento a partir do século XIX. Pensando neste contexto, irá sobressair a questão da demarcação de fronteiras Brasil – Uruguai que só foram definidas de vez no início do século XX com o Tratado da Lagoa Mirim (GUIMARÃES et al, 2011), e que com isso, se faz pensar sobre quem eram essas pessoas e qual a nacionalidade de quem transitava nessas águas durante todo esse período anterior a demarcação de fronteiras.

A disciplina de Prática de Campo II ministrada no primeiro semestre do ano de 2019, pelo Prof. Dr. Rafael Corteletti, tem por objetivo envolver os estudantes em atividades práticas de campo em arqueologia, no que tange o uso de equipamentos básicos para a realização de dinâmicas típicas a arqueologia como GPS, taqueômetro, câmera fotográfica, etc. De mais a mais a prática da elaboração de documentação de áreas potenciais e vestígios levantados e mapeados. Para tanto, foi criado um projeto intitulado “Mapeamento de sítios arqueológicos na ReBio do Mato Grande, Arroio Grande, RS” com intuito de que se empreendessem as práticas didáticas da disciplina numa unidade de conservação (UC), oportunizando aos estudantes o diálogo e reflexão sobre conservação de patrimônio ambiental e cultural e a prática arqueológica em Unidades de conservação.

O projeto visa a identificação, mapeamento e cadastro de sítios arqueológicos dentro da área de reserva. Além disso, com base nas ações desenvolvidas que constituirão em um relatório final, colaborar para concepção do plano de manejo da Rebio Mato Grande.

2. METODOLOGIA

As aulas práticas de campo ocorreram uma vez por semana, durante os turnos da manhã e tarde das sextas-feiras, das 08h00 às 17h00. Durante este período, fomos estimulados a exercitar em campo a aplicação prática das metodologias arqueológicas que estudamos a nível teórico durante o decorrer do curso. Fomos ensinados a utilizar os instrumentos de registro das atividades executadas

– GPS, câmera fotográfica e escalas, e a fazer o tratamento posterior dos dados gerados, sejam eles quantitativos e/ou qualitativos.

Articulamos também os conhecimentos bibliográficos prévios – materiais os quais nos são recomendados pelo professor responsável por ministrar a disciplina, com a realidade a ser observada, de forma a buscar a compreensão geral da região – no que diz respeito desde a legislação ambiental até algumas características da fauna e flora regionais, a fim de alcançarmos o nível mais específico da formação do contexto arqueológico existente no local.

Realizamos caminhamentos dentro da ReBio do Mato Grande para o reconhecimento e a verificação do potencial arqueológico da área. Para isto, utilizamos GPS e câmera fotográfica para os registros de locais e de materiais arqueológicos que estivessem em superfície. Além de utilizarmos recursos do próprio aparelho GPS e Google Earth para calcular a área dos sítios e trajetos percorridos, posteriormente. Foi feito também o recolhimento de algumas ossadas da fauna local para alimentar a coleção de referência do Instituto de Ciências Humanas da UFPel, para pesquisas de zooarqueologia da região.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das saídas de campo foi possível verificar a existência de um complexo arqueológico nos limites da Reserva Biológica do Mato Grande. A partir das prospecções feitas pelo grupo foi possível mapearmos 12 sítios arqueológicos, nomeados do RMG 1 ao RMG 12, dentre eles dois coincidem com os pontos indicados pelo pesquisador Cláudio Pereira (2005,2008) – RMG 6 e RMG 7.

Os sítios encontrados apresentaram, em sua maioria, ocorrência de cerâmicas e líticos indígenas, e de forma geral eram caracterizados como cerritos, elevações na paisagem plana e alagadas da regiões dos banhados, com formações antrópicas monticulares. Nos sítios RMG 7 e RMG 3 foram encontrado materiais arqueológicos históricos. A partir da análise das Faianças Finas do sítio RMG 3, foi possível estabelecer um horizonte cronológico para esta ocupação histórica, que é característica de fins do século XVIII até meados do século XIX , demonstrando que este território já foi ocupado por grupos diversos, inclusive em recorte cronológico.

4. CONCLUSÕES

A partir do trabalho realizado na reserva biológica em poucos dias efetivos de atividades em campo, foram coletados diversos dados de grande valor para a constatação de que o espaço foi remodelado e construído por estes povos cerriteiros manifestando a complexidade social de um grupo tradicional pampiano.

Há ainda a demanda de mais atividades para que se apresente um quadro claro sobre a investigação arqueológica na ReBio. O projeto que foi iniciado na Reserva biológica Mato Grande perdurará com mais intervenções para o desenvolvimento do quadro arqueológico da área.

Estes sítios somados aos já encontrados por Cláudio Pereira a partir do mapeamento, identificação e documentação serão registrados no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) já que mesmo com mais de 10 anos de conhecimento destes sítios por parte da academia e comunidade arqueológica até hoje, nenhum desses sítios foi inserido no programa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAETA, Alenice; PILÓ, Henrique. Arqueologia em Unidades de Conservação na Região de Diamantina – MG. As sucessivas ocupações de suas paisagens e cavidades. **Revista Espinhaço | UFVJM**, [S.I.], p. 200-212, mar. 2017.

BROCHIER, Laércio Loiola. **Diagnóstico e manejo de recursos arqueológicos em Unidades de Conservação: uma proposta para o litoral paranaense**. 2004. 165f. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MILHEIRA, R. G.; GARCIA, A. M.; RIBEIRO, B. L.; ULGUIM, P. F.; SILVEIRA, C. S.; SANHUDO, M. S. Arqueologia dos Cerritos na Laguna dos Patos, Sul do Brasil: uma síntese da ocupação regional. **Estudos arqueológicos regionais** – v. 29, n. 45. Cadernos do CEON, dez. 2016.

PEREIRA, Claudio. 2008. **Minuanos/Guenoas – Os Cerritos da Bacia da Lagoa Mirim e as Origens de uma Nação Pampeana**. Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha – MTG.

SCHMITZ, P. I. Pré-história do Rio Grande do Sul. 2^a edição. **Instituto Anchietano de Pesquisa – UNISINOS**, São Leopoldo, RS, Brasil, 2006.